Perder a forma humana. Uma imagem sísmica dos anos 80 na América Latina

Red Conceptualismos del Sur[1]

Tradução: Fernanda Nogueira

Existencialismo cínico, contracultura, maio francês, *beatniks*, nova esquerda, antipsiquiatria e o rock como linha musical ofereceram um desfile de ideias que me empurraram para o futuro com uma alegria despudorada que eu ainda conservo. Monologadores contestatários, *strippers* e músicos de *happening-rock* a gente tentava não ter identidade com a intenção de viver em revolução permanente. Éramos tão poucos que o limite dos cenários se tornava permeável e emancipava artistas e espectadores dos seus papéis convencionais. A ideia era perder a forma humana em um transe que desarticulasse as categorias vigentes e oferecesse emoções reveladoras.[2]

"Perder a forma humana": com essa imagem reveladora da mutação o músico argentino Indio Solari retoma e ressignifica um conceito do antropólogo peruano Carlos Castañeda que indica a dissolução do eu individual. Essa figura parece produtiva como forma de interpelar os materiais reunidos nesta pesquisa coletiva a partir de duas perspectivas. Faz alusão, por um lado, ao massacre e ao extermínio, aos efeitos arrasadores sobre os corpos da violência exercida pelas ditaduras militares, os estados de sítio e as guerras internas. Por outro, remete-se às metamorfoses dos corpos e às experiências de resistência e liberdade que aconteceram paralelamente – como réplica, refúgio ou subversão – durante os anos 80 na América Latina.

Qualquer pessoa que visite essa exposição[3] ou tenha acesso ao livro que a acompanha e complementa notará a heterogeneidade dos casos considerados. Foram reunidos episódios tão dissimilares quanto as estratégias criativas usadas pelos movimentos de direitos humanos para dar visibilidade aos desaparecidos e às vítimas do terrorismo de Estado; a sobrevivência do ritual Arete Guasu no Chaco paraguaio; as práticas de coletivos de poesia, teatro, música, história em quadrinhos, arquitetura e ativismo gráfico na disputa pelo espaço público em meio à repressão; as experiências de

desobediência sexual; as festas e performances em espaços*under* em diferentes países do continente. Esse *corpus* complexo nos permite identificar a aparição múltipla e simultânea de táticas afins, de modos de ação e invenção de espaços em diferentes contextos, e a coincidência de recorrer ao corpo como suporte artístico e político prioritário.

O projeto explora dois modos de articular essa multidão de práticas diversas e dispersas. Por um lado, mediante relações de *afinidade* e *contágio* entre as experiências frequentemente derivadas do contato ocasionado pelos exílios de artistas e ativistas, redes de ação comum ou formas de solidariedade internacional. E, por outro, aplicando uma série de *ideias-força* que permitem atravessar os diversos episódios de forma transversal e contrastar cenários aparentemente desvinculados.

A pesquisa foi concebida como uma cartografia parcial das irrupções e tensões artísticas e políticas que atravessaram uma época cujas sequelas excedem de forma crescente seu próprio tempo cronológico. Situamos simbolicamente o seu início em 1973, ano do golpe militar de Augusto Pinochet no Chile, quando se inaugura uma política genocida de alcance continental que conclui de forma brutal um ciclo de expectativas revolucionárias, obrigando a transformar os modos de ação e as linguagens da política marcada pela derrota. Tal reformulação no contexto da conhecida segunda onda do feminismo e da dissidência sexual, do surgimento de um sujeito-escória inscrito nas subculturas jovens (caracterizadas pelas dinâmicas subversivas de experimentação corporal e desvio social) e da recusa das palavras de ordem e partidárias tradicionais. Localizamos uma espécie de conclusão desse período em 1994, quando o zapatismo inaugura um novo ciclo de mobilizações e refunda o ativismo internacionalmente.

A alusão do subtítulo do projeto a uma imagem "sísmica"[4] se remete a um exercício de pensamento no qual confluem e colidem múltiplas temporalidades e territórios: um registro instável que oscila entre o colapso social e a aparição de novas formas de subjetivação.

O que apresentamos tanto na exposição como no livro é o avanço de um projeto de pesquisa em curso que envolve 31 pesquisadores vinculados à Red Conceptualismos del Sur. Esta primeira fase se concentra em episódios localizados na Argentina, no Brasil, no Chile, no Paraguai e no Peru, com a inclusão de casos pontuais no Uruguai, no México, na Colômbia e em Cuba, a partir de uma constelação de problemas e perguntas comuns.

Trata-se de projeto de natureza transversal. Seus integrantes estão implicados em áreas que vão além do campo da arte e do mundo acadêmico. Impulsionados pela vontade de idear formas alternativas de visibilização e reativação das experiências pesquisadas, assim como a constituição e socialização de arquivos e dos materiais reunidos.

No decorrer dos últimos anos, além de inumeráveis encontros virtuais, organizamos três reuniões presenciais de discussão, tanto internas como públicas, que congregaram artistas, ativistas e pesquisadores.[5] O distanciamento dos procedimentos curatoriais habituais e a opção de fundar um projeto numa pesquisa extremamente polifônica nos colocou numa situação de incerteza com relação a uma futura formalização dos resultados na exposição e na publicação. Chegar até este ponto não foi um processo simples nem eficaz, mas um caminho sinuoso no qual topamos com achados, discussões e desacordos.

Os materiais reunidos na exposição são o resultado de exumação que mostra obras e documentos sem estabelecer *a priori* uma distinção entre eles. Essa virtude leva a uma dificuldade íntima, e frequentemente nos encontramos com documentos quase ilegíveis não só devido a sua deterioração física, aos rasgos e rabiscos, mas por sua distância com relação aos relatos convencionais da história da arte do período. Somos conscientes, além disso, dos problemas inerentes ao processo de recuperação dos rastros dessas práticas e das contradições que implicam voltar o olhar para episódios que em muitos casos nunca foram visíveis dentro da instituição arte: a disseminação de sua memória pode ter como efeito contrário sua reificação.

Pretendemos que a exposição seja uma experiência sensível que afete, em suas mudanças de escala e de ritmo, quem nela mergulhe. Para isso, evitamos tanto uma ordem convencional em seções "nacionais" como leituras monográficas por episódios, optando, em contrapartida, por propor uma série de zonas definidas por "nós conceituais" que problematizam qualquer percepção naturalizada ou unívoca do tempo histórico e da região geopolítica centralizados pelos conteúdos do projeto.

O livro, diferentemente de um catálogo convencional, foi concebido como uma caixa de ferramentas. Adotamos a forma de um glossário que aglutina uma série de conceitos derivados tanto de um léxico inventado por ativistas e artistas durante aqueles anos como do exercício anacrônico de recontextualizar essas experiências à luz do

presente. Cada uma das entradas articula diversos episódios em torno de um conceito. Elas aspiram a funcionar como flechas que, ao atravessar a memória material (documentos e obras) e imaterial (testemunhos) dessas práticas, desenvolvam novas redes de sentido. As entradas contêm também referências a outros conceitos do glossário, em que se enfoca uma mesma experiência ou práticas afins a partir de outra perspectiva.

Cabe advertir que nem todos os episódios e documentos exumados durante a pesquisa coletiva encontraram lugar na exposição ou no livro. Por outro lado, algumas das experiências que se encontram presentes na mostra são visualizadas no livro a partir de nova perspectiva e novas tramas de relações que dão complexidade à sua abordagem expositiva. Imaginamos a publicação – e os usos que pode provocar – como uma rede móvel, um dispositivo para ser complementado, um experimento de reativação, um organismo vivo e imperfeito.

O que os anos 80 nos dizem hoje?

Durante os anos 80 na América Latina, o uso sistemático da tortura, a desaparição e o assassinato massivo prepararam o terreno para a introdução de uma série de mudanças sociais que sustentaram, durante os anos 90, a implantação de democracias limitadas e corruptas, prazerosamente autocelebradas com um coquetel de falso consenso, modernização e desmemória. O aprofundamento de determinadas medidas político-econômicas produziu efeitos sobre o corpo social, moldando a aparição de uma subjetividade flexível conformada com a privatização da vida e o impulso empresarial dos novos governos.

A América Latina foi um laboratório de provas das doutrinas que logo se implantariam nos países chamados "centrais". A Operação Condor, essa operação transnacional repressiva coordenada pelas ditaduras chilena, argentina, paraguaia, boliviana, uruguaia, brasileira e, até, pelo governo peruano, foi sucedida pelos documentos de Santa Fé (1980, 1986) e pelo Consenso de Washington (1990). Neste último, foram traçadas pelos Estados Unidos as linhas econômicas mestras como o melhor programa para combater o "subdesenvolvimento", que na prática já tinham sido adiantadas durante a ditadura chilena. A política repressiva foi complementada pela marginalização (quando não a aniquilação) da cultura opositora das esquerdas nos países latino-americanos, impulsionada pela CIA no contexto de decadência da Guerra Fria e pela dissolução da União Soviética.

Como em nenhum outro período do capitalismo moderno, estreitaram-se os laços entre economia e produção de subjetividade. A economia da dívida infiltrou-se na vida cotidiana sob o progressivo desmantelamento dos serviços públicos e a generalização do crédito como modo de acesso à cultura do consumo. Na América Latina esse processo se traduziu na sujeição da soberania nacional às imposições dos organismos de crédito internacionais; assim, durante os anos 70 e 80, vários países acabaram multiplicando sua dívida externa. A subjetividade da dívida, ao atravessar as relações trabalhistas, sociais e afetivas, passa desse modo a regular as formas de vida e os modos de existência de indivíduos e sociedades que, concomitantemente comprometem o acesso à memória de seu passado imediato e hipotecam seu futuro.

Como forte contraponto a esse panorama sombrio, este projeto de pesquisa deseja focalizar a persistência e o surgimento de pelo menos três formas de ação política que confrontaram essa nova hegemonia e entre as quais se produziram tanto articulações como atritos.

Durante os anos 80 tiveram continuidade na América Latina algumas modalidades de ação e retóricas 'setentistas'. O caso mais evidente é o da atividade guerrilheira, que sobreviveu em diferentes países da região, como nos casos, bem diferentes entre si, da Revolução Sandinista na Nicarágua, o M-19 na Colômbia, Sendero Luminoso e o MRTA no Peru. Ao refletir sobre essas experiências, o projeto de pesquisa se posiciona contra a tentativa neoliberal de desalojar qualquer debate público sobre a violência. Essa tentativa encontrou suas primeiras formulações durante os anos 80, de mãos dadas com a "teoria dos dois demônios" na Argentina e com as anistias nesse e em outros países, que equipararam moralmente a violência exercida pelo terrorismo de Estado com a das organizações guerrilheiras dos anos 70. Mediante essa operação pretendeu-se apaziguar a memória do passado, exonerando a sociedade civil do conflito, de forma que fossem abertas as portas para o suposto esplendor de consenso sobre o qual se estabeleceram as democracias da "transição". Durante as últimas décadas, as circunstâncias vividas na América Latina e em outras partes do mundo mostraram de forma pungente as penumbras que tal esplendor pretendia ocultar. Por outro lado, eludir o problema da violência corresponde ao desejo dos Estados neoliberais de evitar qualquer conflito político no interior de suas fronteiras, demonizando através de seu aparelho mediático todas as formas de violência revolucionária ou de resistência (incluindo a

desobediência civil, central em algumas das experiências analisadas por este projeto) exercida contra seus interesses materiais e/ou simbólicos.

Contemporaneamente a essas ações de guerrilha e à margem da lógica de partidos, surgiram na América Latina durante os anos 80 outras formas de agenciamento que alteraram a normalidade da vida pública imposta pelo terror ditatorial. Um bom exemplo é a política de movimentos impulsionada por organizações de direitos humanos, feministas, ou herdeiras de posições próximas à teologia da libertação como as Madres de Plaza de Mayo na Argentina, o Mujeres por la Vida e o Movimiento Contra la Tortura Sebastián Acevedo no Chile. Nas ações realizadas no espaço urbano por esses grupos consideramos a intenção de conciliar uma política da memória ou a denúncia da tortura com a necessidade de recompor os vínculos sociais depois da censura abrupta que os golpes de Estado perpetraram contra as aspirações revolucionárias 'setentistas'. Assim, a centralidade da política é deslocada da busca da tomada do poder para a produção de afetos comunitários e de antagonismo no espaço público, antecipando desse modo alguns elementos do ativismo contra-hegemônico das décadas posteriores. As relações entre os corpos e o apelo a suportes precários e socializáveis como a serigrafia, as impressões e os cartazes cumprem papel fundamental na construção desses afetos. Todos eles contribuem para articular a experiência do protesto, encenando uma política da multidão na qual a convivência com o singular e o coletivo contrasta com a apelação 'setentistas' à ideia de povo como sujeito social hegemônico. A confluência entre a atividade de certos coletivos artísticos e algumas das organizações mencionadas contribuiu para gerar dispositivos de intervenção gráfica abertos reapropriados pela multidão, como o *Siluetazo* na Argentina e o *NO+* no Chile.

Por último, a reconfiguração do próprio conceito do que é político é produzido durante os anos 80 a partir da eclosão de um espectro amplo e complexo de práticas e subjetividades que atravessam o cenário *under* e as dissidências sexuais. O roçar dos corpos nas passeatas, nas ações clandestinas e nas festas subterrâneas ajudou também a reconstituir laços afetivos quebrados pelo terror. Com "dissidências sexuais" nos referimos àquelas subjetividades que dão conta de uma desobediência em relação à norma heterossexual, reivindicando a condição política do desejo e evidenciando que o confinamento naturalizado da sexualidade ao domínio privado encobre sua sanção e administração públicas. O surgimento das desobediências sexuais contribuiu para causar uma tensão crítica nos espaços de militância orgânica, sem constituir necessariamente um

lugar que superasse essas formas de articulação e agenciamento políticos. Estamos diante de práticas que impugnam os discursos e que pretendem globalizar e normalizar a singularidade dos corpos para moldá-los à história do capitalismo, do colonialismo e do heteropatriarcado. Em sua luta por sair de posições subordinadas ou diretamente negadas, as dissidências sexuais supõem, em muitos casos, uma aliança afetiva e política com a consciência do sofrimento comum imposto pela violência estrutural do sistema sobre amplas camadas da população. Quanto aos espaços *under* e subterrâneos, trata-se de microcomunidades que apelaram à invenção de territórios propícios para a festa, as drogas, a experimentação corporal e as sexualidades promíscuas, entendidas como "estratégias de alegria". Essas experiências se nutrem de legados anarquistas e libertários que impulsionaram o movimento *punk*, a ética do "faça você mesmo" [DIY – Do It Yourself] e a reivindicação da autogestão e da autonomia. Se à primeira vista a disciplina e os códigos morais da política militante se chocavam com o hedonismo crítico e a estética subcultural dessas coletividades, ambas as esferas não estiveram isentas de vínculos e contaminações.

Para medir o alcance desta pesquisa, nos parece fundamental levar em consideração o mapa complexo de confrontações que acabamos de esboçar, bem como a encruzilhada histórica atual. Nosso presente aparece marcado pelos processos de transformação que vários países do continente vêm experimentando nos últimos anos. É justo reconhecer que a América Latina representa hoje em nível mundial uma interferência na implantação global do neoliberalismo. Inscritos nesse contexto, nos perguntamos de que modo este projeto pode contribuir com as lutas coletivas que irromperam durante os últimos anos tanto na América Latina como na Europa e em outras partes do mundo.

---

[1] Equipe curatorial: Fernanda Carvajal, Ana Longoni, Miguel A. López, André Mesquita, Fernanda Nogueira, Mabel Tapia, Jaime Vindel

[2] Entrevista inédita de Carlos "Indio" Solari, líder da banda Patricio Rey y sus Redonditos de Ricota, realizada em Buenos Aires em 2011 por Daniela Lucena e Gisela Laboureau no contexto deste projeto.

[3] A exposição teve lugar no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madri, entre 26 de outubro de 2012 e 11 de março de 2013, itinera ao Museo de Arte de Lima, onde ficará entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014, e em 2014 viaja a Buenos Aires.

[4] Nessa alusão reverberam tanto a aproximação de George Didi-Huberman à obra do historiador alemão Aby Waburg em *A imagem sobrevivente. História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Waburg*, [Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2013], como a conceitualização que Jacques Derrida propõe sobre os "acontecimentos sísmicos" em*Espectros de Marx. O estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional* [Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994].

[5] Essas reuniões tiveram lugar em Lima (julho de 2011), Buenos Aires (outubro de 2011) e Madri (dezembro de 2011). Todas elas puderam ser concretizadas graças ao apoio do MNCARS, dos Centros Culturais da Espanha em Lima e em Buenos Aires, do Centro de Investigaciones Artísticas (Buenos Aires) e do Ministério da Cultura do Brasil.

Imagen 1: Foto panorâmica da sala Anarkia, Museo Reina Sofía, 2012 © Román Lores & Joaquín Cortés

Imagen 2: 3Nós3, Ensacamento, 1979. Fotografias p/b, 25 x 35 cm. Arquivo Mário Ramiro, São Paulo (Brasil)

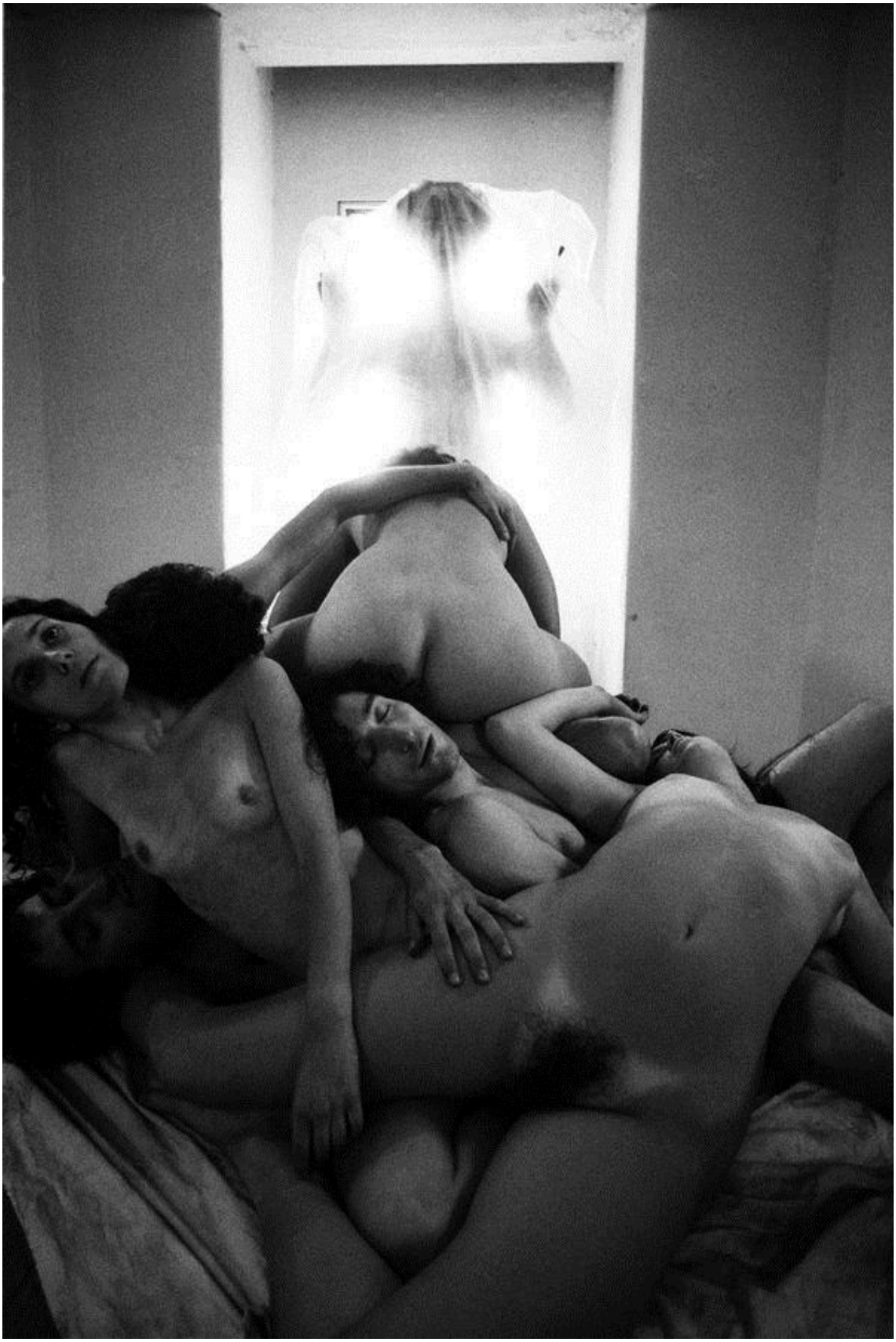

Imagen 3: Gianni Mestichelli, Compañía argentina de mimos, 1980. Fotografia p/b, 60 x 40 cm. Arquivo Gianni Mestichelli, Buenos Aires (Argentina)

Imagen 4: Luiz Fernando Borges da Fonseca, Ensaio fotográfico Homem de Neanderthal, do LP "Água do Céu-Pássaro" de Ney Matogrosso. Figueiras / Restinga da Marambaia - RJ, 1976. Fotografia p/b, 40 x 60 cm. Arquivo Heloísa Orosco Borges da Fonseca (Luhli), Nova Friburgo (Brasil)

Imagen 5: Sergio Zevallos (Grupo Chaclacayo), Rosa Cordis, 1986. Impressão s/ papel hahnemühle, 50 x 37 cm. Arquivo Sergio Zevallos, Lima (Peru)